



Poços de Caldas

3º Congresso Nacional de Educação

Eixo temático: educação em espaços não formais

Forma de apresentação: resultado de pesquisa

ANÁLISE DA TRANSFERÊNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Silvia de Carvalho Machione Trindade
Filomena Elaine Paiva Assolini

RESUMO

O presente trabalho insere-se no campo de estudos da Psicanálise e Educação. Trata-se de um recorte extraído de nossa pesquisa de mestrado, em andamento, intitulada “Problemas na alfabetização: investigando sintomas do sujeito que se apresentam no contexto escolar”. Pretendemos, aqui, dar ênfase à análise da transferência no contexto educacional, trazendo reflexões sobre as contribuições que o campo da Educação pode extrair desse conceito psicanalítico.

INTRODUÇÃO

A transferência é, na Psicanálise, um dos conceitos fundamentais. A partir da descoberta e teorização do inconsciente, Freud observou o fenômeno da transferência, isto é, a atualização automática e inconsciente de um vínculo afetivo intenso que não depende da realidade atual. No artigo “A dinâmica da transferência”, Freud (1996) pontua que, a partir de disposições inatas do indivíduo, somadas às influências sofridas nos primeiros anos de vida, cada um consegue uma forma própria e específica de conduzir-se na vida amorosa. Isso faz com que a pessoa se relacione a partir de um clichê estereotípico, o qual é repetido no decorrer de sua vida. Freud ressalta que uma parte desse investimento amoroso é inconsciente. Essas são as precondições da transferência que se dirige ao outro e, com isso, desperta involuntariamente algo dessas experiências iniciais.

A transferência fora do contexto clínico requer algumas ponderações uma vez que o conceito *transferência*, tal como formulado, requer o seu manejo pelo analista. Lacan (1988) afirma que o conceito de transferência é determinado pela função em uma práxis – neste caso, a práxis psicanalítica –, sendo esse conceito o que dirige o modo com que o analista tratará o paciente. Lacan afirma que a transferência, como produto da situação analítica, não é criada toda ali, mas sim que tal fenômeno é capaz de se produzir a partir de possibilidades externas à análise, as quais ela dará composição de forma, talvez, única. Ele conclui: “isto não exclui de modo algum, onde não haja analista no horizonte, que ali possa haver, propriamente, efeitos de transferência exatamente estruturáveis como o jogo da transferência na análise” (LACAN, 1988, p. 125).

Verificamos que, no contexto educacional, ocorrem tais efeitos de transferência observáveis e buscamos, a partir dos recursos que o contexto oferece, analisar a estruturação transferencial que inclui professor e aluno. Defendemos que é preciso pensar sobre tal fenômeno nos espaços de ensino-aprendizagem, uma vez que, atualmente, os conhecimentos advindos da Psicanálise já se inserem em outros campos, fato esse que pode nos ajudar a criar formas de operar em relação aos alunos, tornando o processo ensino-aprendizagem mais eficiente.



Poços de Caldas

3º Congresso Nacional de Educação

É importante considerar ainda que, na condição escolar, professores e alunos estão presos, cada qual por seu clichê, na transferência. Assim, em situações consideradas necessárias pelo professor, para que algo dessa relação transferencial seja abordado é preciso que se escute o aluno, isto é, o aluno precisa falar.

METODOLOGIA

Traremos aqui a análise da transferência em um dos casos estudados em nossa pesquisa de mestrado, da qual colhemos os presentes dados, a partir da observação participante no projeto “Alfabetização com histórias – uma aposta no letramento”, desenvolvido por uma Organização Não Governamental (ONG). Verificamos que uma atividade da oficina de leitura e escrita, por nós conduzida, gerou a necessidade de ouvir um dos alunos, de uma turma de cinco alunos, individualmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aluno, por nós nomeado Marcelo, possui dificuldades nos processos de leitura e escrita, além de ser agitado durante as oficinas. Conta, durante uma atividade, que tem um sonho repetitivo que lhe traz muito medo. Após a atividade, em uma entrevista, explica que, no sonho, ele é levado por um olho a um lugar em que há um palhaço que corre atrás dele. Ele sente muito medo e, sem saber porque, corre também, fugindo. Acorda com medo e prefere não mais dormir, mantendo-se agitado. Sobre a escola, diz que começou aprendendo, mas depois parou de aprender e sente medo de errar. Ao final da entrevista diz o seguinte sobre seu medo: “Agora eu já tô enfrento, é... tenho imaginação: aparece, desapareceu”.

Com esse breve relato de Marcelo, encontramos lugares transferenciais que se revelam em seu sonho: alguém que o persegue – o palhaço – e alguém que, sem saber porque, é perseguido, foge com medo – ele. No projeto de alfabetização, lá está ele com medo de errar, fugindo das atividades. Isso pode atribuir ao professor o outro lugar da cena, qual seja, o de quem lhe persegue seja para aprender, seja para prestar atenção etc. Isso o deixa agitado, fato esse que já havíamos percebido durante as oficinas.

Consideramos que os avanços de Marcelo no projeto se devem ao desfecho favorável da transferência que se deu fortuitamente quando uma das pesquisadoras levou à turma a história “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque, em que a personagem medrosa descobre uma forma de lidar com seus medos, transformando-os. A saída encontrada pela personagem serviu ao Marcelo, o que constatamos em seu relato ao dizer que, por ter imaginação, pode fazer desaparecer aquilo que lhe traz medo, tal como fez Chapeuzinho Amarelo. Ao trazer o que Marcelo tomou como saída, o professor ocupou um outro lugar não previsto, sem ser aquele em que persegue, mas sim a partir do qual o ajuda no enfrentamento do medo.

No entanto, há casos em que a transferência se dá de forma negativa. Pensemos em uma situação em que o aluno de 9 anos, também participante do projeto de alfabetização, ao ser chamada sua atenção repetidas vezes pela professora, responde o seguinte: “Todos os professores falam isso para mim”. Insistindo em dispersar a aula é colocado para fora e tem uma reação agressiva e de confronto, afirmando que não voltaria mais àquele projeto. A fala do aluno indica ao professor que o encontra pela segunda vez naquele dia que o aluno o tem no mesmo lugar, por transferência, dos professores com os quais construiu relações problemáticas anteriormente. Dois lugares aparecem: aquele de quem sempre chama a



Poços de Caldas

3º Congresso Nacional de Educação

atenção e aquele de quem sofre a ação. Encerrar o dia de oficina apenas no episódio em que o aluno sai da sala reforça esses lugares. Ao final da aula, quando a professora o chama para conversar sobre o que aconteceu, há um rompimento com aquele lugar, uma vez que o menino não esperava ser chamado para o diálogo e pode sair do lugar de repreendido, assumindo o lugar de fala.

Quando localizamos algo da transferência em jogo é preciso considerar relações anteriores que se atualizam naquele momento. Detectado aquele lugar como problemático, é necessário intervir de maneira a romper aquela configuração, criando novos lugares. Da posição de professor não se faz uma análise da transferência tal como o psicanalista, mas tendo conhecimento desse fenômeno é possível observá-lo e pensar em formas de atuar para, por exemplo, não tomar provocações de alunos para si e assumir direcionamentos que o tirem daquela posição.

CONCLUSÃO

O contexto educacional, assim como os demais contextos não psicanalíticos em que o fenômeno da transferência acontece, requer de nós a elaboração de novas formas de análise da transferência a partir dos objetivos e limitações desse espaço de trabalho. Em nossa pesquisa, mesmo estando na posição de professora, a condição de analista nos possibilitou escutar os alunos, realizando intervenções efetivas e simples. O professor não analista pode estar advertido do fenômeno da transferência de maneira a escutar um aluno quando necessário, além de perceber os efeitos que os alunos lhe causam, evitando, assim, atuar em contratransferência. Entendemos que, para o campo da Educação, isso possa ser suficiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII. p. 107-119.

LACAN, J. **O seminário**—livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.